

O FASCISMO, COMO ELE FOI E COMO PODE SER: REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE A CENTENÁRIA LUTA DOS SOCIALISTAS DEMOCRÁTICOS ITALIANOS DE SÃO PAULO

FASCISM, AS IT WAS AND AS IT CAN BE: CONTEMPORARY REFLECTIONS ON THE CENTENNIAL STRUGGLE OF THE ITALIAN DEMOCRATIC SOCIALISTS OF SÃO PAULO

Frederico Alexandre Moraes Hecker¹

RESUMO: O mundo ocidental contemporâneo tem conhecido manifestações políticas e mesmo o advento de regimes políticos que carregam algumas das características do projeto centenário do fascismo. Ocorre que no Brasil já houve experiências de implementação de atividades deste teor: no Estado de São Paulo e entre a maior de todas as comunidades formadas pelo processo maciço de imigração: a colônia italiana. Há cem anos, o Estado fascista dirigido por Mussolini, il Duce, experimentou com sucesso variadas formas de implantação de sua ideologia e de suas instituições aqui entre nós. Estas experiências merecem ser conhecidas e consideradas neste início de século XXI, a fim de servir de alerta para situações políticas semelhantes.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo; Socialismo; Colônia Italiana; Imperialismo; Política.

ABSTRACT: The contemporary Western world has known political manifestations and even the advent of political regimes that carry some of the characteristics of the century-old project of fascism. It turns out that in Brazil there have already been experiences of implementing activities of this nature: in the State of São Paulo and among the largest of all communities formed by the massive immigration process: the Italian colony. One hundred years ago, the fascist State led by Mussolini, the Duce, successfully experimented with different ways of implementing its ideology and institutions here among us. These experiences deserve to be known and considered at the beginning of the 21st century, in order to serve as a warning for similar political situations.

KEYWORDS: Fascism; Socialism; Italian colony; Imperialism; Politics.

¹ Doutorado em História Social (USP). Universidade Estadual Paulista. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7529-6460> E-mail: fahecker@uol.com.br



10.23925/2176-4174.34.2025e67965

Recebido em: 21/08/2024.

Aprovado em: 05/02/2025.

Publicado em: 18/02/2025.

Estudar o fascismo – este termo polissêmico de tanto sucesso no vocabulário político há tanto tempo - e as formas como este movimento socioeconômico-político-cultural se apresentou, nas mais variadas conjunturas históricas, significa procurar entender como os projetos democráticos contemporâneos poderão construir instituições capazes de se sobrepor ao autoritarismo e à opressão de umas camadas sociais sobre outras.

Os fascismos, ou movimentos fascistas, nunca foram uma construção político-social única e sempre se mostraram mutáveis ao longo do tempo. O que não quer dizer que não possamos definir sua estrutura teórica e a atuação efetiva sobre as populações. E muito menos fazer decorrer da científica relatividade dos conceitos qualquer temor semântico em identificá-los. Pelo menos em sua essência e básica manifestação.

Os movimentos fascistas tomaram impulso na Europa a partir de antigas teorias elitistas de Estado, de ideias conservadoras, autoritárias, que estavam bastante arraigadas em setores culturais difusos do velho continente, não apenas entre as elites. O historiador Hobsbawm denominou o período que abarcava o início do século XX, de Era dos impérios, uma época em que, apesar das crises político-administrativas dos Estados, a maioria das populações dos países europeus oferecia seus apoios políticos à estruturas de dominação então vigentes. Estudos históricos acurados indicam, por exemplo, ter sido o antisemitismo na França da Primeira Grande Guerra muito mais entranhado na sua população do que no Império Alemão de então, onde viria a vicejar o futuro nazismo.

Assim, os fascismos foram uma mescla de projetos totalitários e nacionalistas que consistiram - conforme precisa definição do professor italiano Emilio Gentile², nosso contemporâneo – em colocar em prática a realização de uma experiência de

² *Fascismo. Storia e interpretazione*. Roma/Bari. 2002

dominação política sem precedente no passado, exercida por um partido revolucionário que conquistou com violência o monopólio do poder e da política, instaurou um regime de partido único, apoiado no terror e na demagogia, e que submeteu a população arregimentando-a em organizações e impondo a própria ideologia como uma religião política de massa.

Embora não encontrem a mesma conjuntura, nem a repetição mecânica das características formadoras daquele fenômeno de há cem anos, os estudiosos contemporâneos estão despertando cada vez mais para a evidência das similitudes em operação, mesmo porque vários aspectos da ideia fascista dos anos 1920 parecem ressurgir em diversos países, nesta terceira década do século XXI. Assim, uma espécie de neofascismo mostra-se presente na ordem do dia, pleiteado por partidos políticos de extrema direita na Itália, na França, na Hungria, na Polônia, na Turquia, na Croácia, na Índia e... quem diria, até no país cuja Estátua de Liberdade é seu símbolo mais evidente. Que analista, há tempos, arriscaria imaginar este “retorno”, mesmo que parcial e submetido às condições da conjuntura atual? No entanto, aqui entre nós brasileiros, também tivemos, e temos, um forte movimento – dito “bolsonarismo” - cujas intenções se aproximam da tragédia que há 100 anos tomou conta de boa parte não apenas do mundo ocidental.

Defendido por largas faixas da população, sem um programa unificado, mas com nítidas preferências políticas, o contemporâneo neofascismo brasileiro – denominemos assim para indicar semelhanças, não identidades - dispõe de atributos análogos aos que seu movimento raiz adotou na origem. Nele, atualmente, não há exatamente um Estado totalitário a tentar implantar uma lógica política única, mas, quando no governo, tenta forçar a presença de medidas em sequência que se espelham naquele nefasto passado: o ódio, evidente ou implícito, à igualdade social, manifesto pela rejeição aos socialmente mais fracos, aos negros, às mulheres, como sujeitos plenos de cidadania; a sanha contra o multiculturalismo e a perseguição a artistas não conformistas; o enaltecimento da violência, da posse de armas pela população, como solução para os litígios políticos e como saneadora dos delitos corriqueiros, acompanhado de um mal disfarçado apego fálico às armas; o caráter impolido, rude e anti-intelectual de suas lideranças, típico daquela antiga oposição aos avanços da ciência e do racionalismo; a defesa de um passado mítico a ser reestabelecido, por meios exclusivistas de comunidades parciais, imaginárias ou

reais, autodefinidas como puras, legítimas; o abrigo de conceitos particulares e herméticos de pátria, língua, religião; enfim, está presente toda uma difusa ideologia que lembra diretamente aqueles princípios nazifascistas, agora ressignificados. A tentar coordenar estas ações se encontra, explícito ou velado, o interesse de uma elite capitalista transnacional que, tal como no passado a “velha burguesia” buscava, em detrimento da maioria das populações, restaurar ou manter privilégios de classe.

No nível da mensagem a ser veiculada para efetivar a conquista de corações e mentes para esta nefasta causa nada há de sofisticação, pelo contrário. Era próprio da “cultura” fascista traduzir seus objetivos em palavras de ordem muito simples e assimiláveis, que certamente deturpavam a realidade, mas tornavam as ideias políticas mais assimiláveis às populações pouco afeitas à análises circunstanciadas. Assim, hoje, toda a complexidade da vida moderna é simplificada para seduzir as massas, prometendo vitórias morais sobre inimigos: Deus, pátria e família, é o lema que engloba tudo, sem explicitar nada. A complexidade do real some diante da fé, embora nenhuma destas entidades da tríade tenha contemporaneamente qualquer concretude para as massas carentes.

Não obstante este ressurgimento ideológico, o mundo hoje é outro: as comunicações virtuais criaram uma sociedade do imediato, da robotização da vida social, ao mesmo tempo em que a defesa da democracia pode dispor de forças já integradas à vida de milhões de pessoas. Apesar disto o perigo se renova e não é negligenciável, daí a necessidade de conhecer experiências passadas e identificar o modus operandi que põem em risco as liberdades e a igualdade social, para nem sequer falar da fraternidade, que, hoje, aparenta ser o inimigo mais evidente desta deformidade política que defende “pautas morais” segregadoras.

Guardadas as relações de tempo e espaço, vimos no Brasil, no período de 2019-2022, um governo que pregava diretamente o descumprimento da constituição, fustigava as instituições republicanas e pretendia instituir regras autoritárias de poder. Não tivemos as crises daqueles tempos passados, como o desemprego em massa ou as devastações econômicas provenientes de guerras, a humilhação nacional sofrida por países como Alemanha ou Itália, elemento simbólico tão explorado pelos populistas de há cem anos. Porém, valendo-se de certa desilusão massiva com a democracia por parte de setores sociais que o capitalismo não permite incorporar ao desfrute de uma vida livre e igual para todos, tal infausto período levou o país a flertar

com o antigo fascismo. No caldeirão político foram introduzidas substâncias que provocaram a mobilização do reacionarismo das massas, bem próprio das confusões mentais das classes médias. Aquele governo brasileiro - liderado por um bufão malicioso, carente do decoro próprio a um responsável direto pela administração pública nacional e desrespeitoso da ética do poder, imbuído do fraudulento, e incabível a tal personagem, papel de salvador da pátria, características estas próprias daqueles antigos fuhers e duces - buscou corroer a democracia por dentro dela mesma, aparelhando setores da administração pública, nomeando e protegendo asseclas para órgãos de poder que promoviam o abastardamento das instituições. Desta forma foram assaltados ministérios como o da saúde, o da educação, o do meio-ambiente, entre outros. Tudo isto às vistas de boa parte das Forças Armadas, saudosas do período ditatorial no qual desfrutavam do poder no país. Ainda assim, este movimento neofascista não teve sucesso contínuo e as eleições de 2022 levaram ao Executivo nacional uma administração plural que preza pelo respeito constitucional.

Fascismo na colônia italiana

Tal contexto despertou ainda mais os historiadores para a relevância dos estudos sobre o tema do fascismo. É bem conhecido pela literatura histórica o surgimento, exatamente na conjuntura do entreguerras, da Ação Integralista Brasileira, em 1932, que, no final da década chegou a se rebelar contra o governo de Getúlio Vargas e a ser consequentemente banida do panorama político. Exatamente o que se propõe aqui é revisitar um movimento anterior – que antecedeu e marcou posições, uma espécie de precursor da AIB - ocorrido entre o grupo imigratório italiano, que nos anos 1920 estava integrado a diversos Estados do sul do país, mas mais ainda à população paulista, e de certa forma serviu de experiência militante para o abrasileiramento do fascismo, que Plínio Salgado e seus “galinhas verdes” intentaram na década seguinte.

Esta infestaexpérience iniciada em São Paulo no interior da “colônia” italiana aqui estabelecida, ocorreu principalmente nos anos 1920/1930, e não se limitou a eventos apenas intrínsecos à imigração, pelo contrário, alastrou-se pelo país. As vicissitudes da implantação do fascismo no interior de um grupo populacional que respeitava e obedecia aos ditames do regime constitucional brasileiro da época,

podem guiar algumas reflexões sobre os perigos com os quais hoje nos defrontamos. Não há como espelhar o pensamento e a ação daquele período, mas entender os erros e acertos no combate antifascista naquela conjuntura pode tornar os contemporâneos mais capazes de perceber tendências, de retirar ensinamentos e genericamente prever circunstâncias. Jacques Le Goff precisou a função do trabalho historiográfico a ser feito:

Julgo que cabe ao historiador transformar a história (*res gestae*) de fardo – como dizia Hegel – numa *historia rerum gestarum* que faça do conhecimento do passado, um instrumento de libertação.³

Há autores que veem as raízes do fascismo fundadas na Antiguidade, suas expressões em todas as áreas do planeta, e, como se indicou acima, suas marcas nos dias de hoje. Aqui, especificamente, o texto vai se ater a análises do fenômeno fascista inerentes às ações adotadas na “colônia” italiana, e às contrapartidas elaboradas pelo grupo socialista italiano antifascista, em meio ao qual o líder ítalo-brasileiro, professor Antonio Piccarolo e outros socialistas reformistas se encontravam. Entretanto, a bem das observações de conjuntura, precisamos recorrer à essência daquele fascismo italiano como fenômeno histórico - recurso este, hoje, facilitado por uma visão globalizadora que a historiografia internacional oferece - e à forma como ele apareceu aos seus primeiros intérpretes, aos seus contemporâneos.⁴

Conforme Renzo de Felice, foram três as mais importantes interpretações do fascismo, quando se desenvolvia: como doença moral da Europa; como "consequência lógica e inevitável de uma série de taras características do desenvolvimento histórico de alguns países, sobretudo a Itália e a Alemanha"; e como produto da sociedade capitalista e reação antiproletária. Esta última interpretação foi sustentada pelos comunistas e outros autores de formação marxista, enquanto "setores de cultura radical" foram os principais autores da segunda e os "meios da alta cultura europeia" ativeram-se à primeira.

O antifascismo em São Paulo, durante a década de 1920, privilegiou as duas últimas explicações, a radical e a moral, para entender a avalanche fascista. O

³ *Encyclopédia Einaudi*, vol.1, Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, p. 245

⁴ Na exposição das interpretações "clássicas" do fascismo valemo-nos, principalmente, do clássico de Renzo de Felice, *Explicar o Fascismo*. Lisboa, Edições70, 1978. p.35 a 92.

intelectual mentor da “corrente moral” foi Benedetto Croce, para quem o fascismo “não foi pensado, nem querido, nem apoiado por nenhuma classe social em particular” e “foi uma perda de consciência, uma depressão cívica e uma embriaguez produzida pela guerra.”⁵

Antonio Piccarolo, no Brasil, apoiado fortemente numa visão semelhante, tipicamente liberal-evolucionista de progresso, que imaginava a Itália evoluindo linearmente, não soube explicar o surgimento do fascismo. Debitou ao acaso o que se poderia encontrar nas relações sociais, ou na posição da Itália no contingente europeu, apenas para identificar duas das variantes necessárias para uma análise concreta:

[Na Itália) depois das inevitáveis desordens do pós-guerra, as coisas andavam se acalmando por lei natural... a agricultura, a indústria, o comércio retomavam o seu curso normal. Tudo fazia prever uma próxima e completa reorganização, quando intervieram os homens da desordem... do lado oposto, do lado da reação. Estes, com uma revolução bufa, com uma marcha ainda mais bufa sobre Roma, apropriaram-se do poder, erigiram a violência a sistema de governo.⁶

Em 28 de outubro de 1922, quando Mussolini liderou os *camicie nere*, desencadeou a Marcha sobre Roma, e, pouco depois, constituiu um novo ministério, a “colônia” italiana de São Paulo não podia presumir seus contornos futuros. No entanto a violência do fenômeno aguçou a interpretação do socialista moderado Piccarolo, que passou a buscar entendimento no nível das questões de poder. Assim, mesmo reconhecendo que Mussolini inicialmente mantinha funcionando as instituições de Estado, censurou diretamente o que na ação fascista feria o método liberal de governo: a violência dos *fasci*, a tendência do Duce em absorver muitos poderes, o pouco apreço à constituição:

O discurso pronunciado por Mussolini foi... um verdadeiro golpe de Estado... Com aquele ato o deputado Mussolini suprimia a constituição pois se sobreponha a ela. Não abolia o parlamento porque não achava necessário... e os poltronas (como Mussolini chama os deputados) ... renunciavam aos seus mandatos, às suas prerrogativas... faziam humilhantes homenagens ao ditador, concedendo-lhe plenos poderes... Compreendendo perfeitamente a ditadura em um estado de guerra. Eu a teria compreendido se legalmente proclamada em 1919, quando os bolcheviques, ocupando as fábricas, ameaçavam a ordem do país. Mas não agora, depois que os bolcheviques foram completamente dispersados e os poucos comunistas remanescentes pensam apenas em manter-se vivos, ou se contentam em ir a Moscou

⁵ Apud R. Felice, *op. cit.*, p.35.

⁶ *Il Risorgimento*, 16/5/1928.

fazer votos para que daqui a cinco anos todo mundo seja bolchevista! Hoje, francamente, a ditadura não tem qualquer sombra de justificação.⁷

Fascismo como demagogia.

Em nossos dias, há um certo consenso entre os historiadores no sentido de interpretar o fascismo, em última instância, como expressão dos interesses do grande capital, e como revelador de um forte militarismo nacionalista e expansionista. Mas, considerando elementos da cultura política popular que lhe deu acolhida, foi também parte integrante do seu *modus faciendi* a adoção de uma desenfreada demagogia, apoiada em métodos publicitários de provada eficácia, tendo por isso atraído para suas fileiras uma significativa massa populacional. O fascismo, assim, diferenciava-se dos regimes autoritários e conservadores clássicos. O movimento propunha algo de novo, aparecia como uma verdadeira revolução de caráter plebeu e rebelde.

Este potencial caráter revolucionário assustou fortemente os militantes ítalo-paulistas antifascistas, que tanto temiam surpresas à direita como à esquerda. A primeira oposição dos antifascistas da São Paulo italiana, enquanto não se delineavam completamente os limites do fascismo, foi a possibilidade de que viesse a se constituir numa continuidade revolucionária do comunismo. A isto se opuseram decididamente. Pelo menos nos primeiros tempos, aqui, o combate antifascista foi sequência do período denominado "Biennio Rosso", que levantou a possibilidade do "perigo bolchevique", pois entre esses regimes que significavam uma "vitória da violência sobre a razão" não havia somente analogias, "mas, verdadeira e própria identidade."⁸

O socialismo-reformista local reconhecia nos líderes fascistas os mesmos homens que no Biênio Vermelho dirigiram o proletariado, elaborando reflexões sobre esta identidade que apenas muito tempo depois ganharam espaço na crônica política. Em maio de 1923, Ottavio Dinale esteve em São Paulo, enviado pelo regime fascista para promover a ampliação da seção local do fascio italiano, recém-inaugurada. Piccarolo, através do órgão de congregação dos antifascistas, criticou o seu "revolucionarismo":

⁷ *La Rivista Coloniale*, nov-dez/1922.

⁸ *La Difesa* ("Organo settimanale degli uomini liberi"). São Paulo, 14/3/1926.

O sr. Dinale ... foi por muitos anos socialista revolucionário, intransigente, diante do qual Turati, Prampolini, Treves eram... reacionários. Mais tarde transformou-se em sindicalista e foi um dos que nas planícies baixas paduanas organizou greves e greves, sempre dando a estas greves um direcionamento essencialmente revolucionário.⁹

Esta identificação podia ser estendida para, senão a totalidade, boa parte dos aliados de Mussolini: "Em 1919 os atuais dirigentes do fascismo formavam a vanguarda do bolchevismo,"¹⁰ comentava o *La Difesa*, jornal dos socialistas reformistas paulistas. É bem verdade que a correlação respondia à necessidade premente que o antifascismo paulista tinha de anular, destruir um dos argumentos-chave dos fascistas: o de terem "salvo a Itália do perigo bolchevique". E, além disso, a correlação nem sempre era exposta de maneira simplista. Quanto ao primeiro argumento, Piccarolo respondia enaltecedo o socialismo reformista:

Se houve um perigo de bolchevismo na Itália, foi em 1919, na época da ocupação das fabricas... Quem se opôs ao bolchevismo naquele momento, quem salvou a Itália da onda bolchevista, foi o socialismo, foram os socialistas-reformistas... os quais chamaram a turba alucinada para a realidade, fazendo-a compreender a impossibilidade da tentativa absurda. O fascismo veio um ano depois, quando o perigo havia passado.¹¹

No que concerne à análise da correlação entre bolchevismo e fascismo, Piccarolo enfatizava o método em detrimento do conteúdo, a fim de que a morfologia do Estado liberal-democrático fosse ressaltada como elemento oposto àqueles dois sistemas:

o que importa, se em termos de finalidade divergem bolchevismo e fascismo? se um pretende tentar formas novas de organização social e outro, ao contrário, quer retomar o passado? se um é inovador e o outro reacionário? No fundo, mesmo em termos de finalidade eles buscam o triunfo de uma classe, e a divergência está toda na classe que pretendem fazer triunfar. Para os partidos políticos a verdadeira característica, a verdadeira essência, mais do que no programa, está no método... (Há apenas dois métodos:)... um, que pretende educar o povo para governar-se a si mesmo: a democracia; o outro método, que submete o povo ao domínio de um só, ou de poucos indivíduos: a autocracia monárquica ou oligárquica.¹²

⁹ Id., 2/6/1923. A análise do fascismo como uma corruptela do comunismo foi defendida em termos didáticos por Piccarolo em *Iniciação à economia social*. São Paulo: Livraria Editora Record, 1936, p.252 a 255.

¹⁰Id., 24/10/1926.

¹¹ Id., 11/8/1923. Criticando o agente consular da Itália em São Paulo, de nome Brancaleoni, Piccarolo colocou o mesmo problema, com ironia, mas não de todo equivocado: "O fascismo, é verdade, liberou a Itália do bolchevismo porque os únicos bolchevistas que existiam na Itália, aqueles que ocuparam as fabricas, transformaram-se em fascistas, abandonando o bolchevismo. Ou melhor, criando um outro bolchevismo, o fascismo italiano, muito mais perigoso que o bolchevismo russo" (*Il Risorgimento*, São Paulo, 115/1928).

¹² Id., 14/3/1926.

A tentativa de dirimir esta confusão ideológica consumiu significativamente os esforços de combate direto aos fascistas. Não obstante, os militantes socialistas liberais souberam identificar mais precisamente as razões pelas quais o governo fascista obtivera sucesso. Apresentaram, então, três vertentes explicativas: o regime aproveitou-se de um vazio de poder, não ocupado pelas "forças democráticas", que se furtaram a colaborar com a enfraquecida classe dominante; apoiara-se na "classe capitalista"; e, enaltecendo a guerra, exacerbara um espírito nacionalista e patriótico inadequado, mas que lhe trouxera dividendos.

No primeiro caso, uma boa parcela da culpa era atribuída à organização do PSI, Partido Socialista Italiano, que perdera seu caráter essencial na medida em que admitia, em seu seio, correntes divergentes:

Terminada a guerra, a Itália estava sem governo e sem partidos. O povo italiano estava dividido em duas massas: uma formada pela antiga classe conservadora... reforçada pelos novos ricos... outra constituída por todos os descontentes... unidos numa grande massa que tomou o nome genérico de partido socialista, indo dos incolores até os mais escarlates bolcheviques.¹³

Essa "massa disforme" – que talvez em termos contemporâneos pudesse ser denominada “as esquerdas” – foi acusada por Piccarolo de desdenhar o poder governamental e rejeitar assumir as rédeas do Estado. A política hipócrita do fascismo não o teria impedido, afirma ele, de cortejar os trabalhadores fomentando a revolta e, em seguida, colocar-se “a serviço dos grandes capitalistas”, promovendo uma caça aos radicais, “quando estes já não botavam medo em ninguém.” Além disso, logo após a guerra, o fascismo pôs-se à disposição de um imoral grupo de “novos ricos ... que haviam explorado a grande catástrofe em benefício próprio.”¹⁴

Finalmente, o sucesso fascista era identificado com o uso demagógico do nacionalismo, como um bode expiatório para desviar a atenção da população que, assim, não reconheceria nele um governo baseado na usurpação:

Ao invés de dizer que quer a guerra, seria, talvez, melhor dizer têm necessidade da guerra... [para] sufocar a revolta interna... [e] encontrar um desvio para o exterior... [inoculando na população] um imperialismo absurdo e... patriotismo que não é senão o interesse dos dominantes e dos privilegiados.¹⁵

¹³ *Il Risorgimento*, 16/1/1928.

¹⁴ *Id.*, *Ibid.*

¹⁵ *Id.*, 1/2/1928.

Esta política expansionista era vista pelo antifascismo ítalo-paulista, numa perspectiva correta, como o prenúncio de um conflito internacional:

o governo fascista, sob o impulso da paranoia mussoliniana, está lançando a Itália em uma guerra. Mas qual guerra? Contra quem? Não se pode dizer. Porém, toda a ação do fascismo é uma continua provocação, ora contra um, ora contra outro país. O alvo mais comum dessas provocações é a França.¹⁶

Paralelamente à crítica do fascismo e ao entendimento de suas razões, os "italianos democráticos" de São Paulo, exprimiam também as suas esperanças de superação da "tragédia mussoliniana" e formulavam resoluções hipotéticas. Algo como um programa informava os pensamentos e ações do grupo antifascista da "colônia". Apesar de pautarem as suas ideias pelo fato de viverem fora da pátria, e, portanto, sujeitos a relações sócio-políticas que lhes impunham um distanciamento da vida real da nação italiana, acabaram por concluir que o vexame fascista "autoriza o povo a rebelar-se... e implica, diante da humanidade, o direito a revolução."¹⁷ Não obstante, seu programa de superação do fascismo não incluía a organização militar da "colônia" – nem o respeito às normas do Estado brasileiro comportariam ações do gênero - mas apoiava-se na luta intelectual, na batalha entre divergentes concepções de sociedade.

"La Difesa" de uma tribuna da liberdade.

Nascia em 7 de abril de 1923 o jornal *La Difesa*, "órgão semanal dos homens livres", que, sob a coordenação de Antonio Piccarolo, exortava – em seu manifesto-programa publicado no primeiro número - os antifascistas a se reunirem, pois "toda a divisão, toda a luta que não seja esta, unida, significaria um delito". Afirmava também que era preciso estar alerta, a fim de que juntos "impeçamos que a seita nefasta venha a contaminar a nossa colônia". A mensagem, consignada no próprio nome do semanário, marcada por um nítido apelo sentimental, conclamava para uma luta liberal-patriótica:

É chegado o momento no qual todos os homens livres e amantes da liberdade devem enlaçar-se num único feixe e unir os seus esforços para defender aquele patrimônio de liberdade que nossos pais souberam conquistar através de séculos de

¹⁶ *Id.*, 1/3/1928.

¹⁷ *Id.*, 1/4/1928.

lutas, sacrifícios e martírios. A Itália, nossa querida pátria, a doce terra que viu nascer o país de mais antiga tradição de liberdade, a mãe do direito e da civilização, a mestra do mundo moderno, foi lançada nas trevas da Idade Média, e uma seita de energúmenos ameaça transformar numa ruína todas as conquistas e todas as instituições liberais que honram o país.¹⁸

A ampla aliança almejada, entre intelectuais e militantes de diferentes correntes políticas para a "difsesa" das instituições liberais tinha a intenção de tornar evidente o fosso aberto entre a concepção totalitária de Estado do fascismo e as bases da democracia liberal. Para os socialistas liberais e republicanos, a eliminação da situação totalitária do fascismo e sua transformação em condições para uma sociedade democrática, deveria apoiar-se na ação de entidades coletivas, que reunissem "todos os cidadãos", e o motor para essa mudança deveria ser a "educação cívica dos italianos". Aqui, dentro da "colônia", era essa a principal tarefa a que os antifascistas de São Paulo deveriam se propor: "ensinar democracia". Mas, outros grupos de esquerda pareciam estar atrapalhando a realização deste objetivo "pedagógico".

A culpa era atribuída à estratégia equivocada dos militantes radicais – anarquistas, sindicalistas revolucionários e outros - que até então haviam mobilizado os trabalhadores paulistas com tentativas de "conscientização do proletariado". Eles haviam falido porque pregavam a liberação da "massa ignorante" sem oferecer-lhe um parâmetro, um limite:

Enquanto, por um lado, não só foi desprezada a educação, mas usada com a esperança de se conseguir dominar a massa ignorante mais facilmente, por outro lado, ao invés de educar, pensou-se unicamente em despertar o descontentamento nas consciências, em acariciar as paixões pelos pobres, dando à massa o sentido da própria necessidade, sem contemplá-la com a consciência dos meios ativos para a conquista [...] Reduziu-se tudo a um simples problema de pão, problema importantíssimo, é verdade, mas que não constitui toda a essência e finalidade do homem.¹⁹

¹⁸ *La Difesa*, 7/4/1923. Durante o ano de 1928, enquanto se instalou um impasse com o jornal *La Difesa*, (consultar "Um megalomaníaco enganador ou um criativo polemista: litígios socialistas nas origens da moderna política em São Paulo", in: HECKER, F.A. e MARTINS, I. de L. E/Imigrações: questões, inquietações. S. Paulo: Expressão e Arte Editora. 2013), Piccarolo e companheiros deram vida a um pequeno quinzenário, *Il Risorgimento*, que trazia justamente em seu título o objetivo de identificar a luta antifascista com a continuidade daquele movimento democrático italiano do século XIX.

¹⁹ *Il Risorgimento*, 20/9/1928. Carlo Rosselli, importante antifascista, socialista liberal, reformista, que não apenas promovera uma revisão da tradição marxista na Itália, mas abandonara o marxismo, também, recomendava ênfase sobre a questão educacional, em 1930: "A liberdade começa pela educação do homem e se realiza pelo triunfo de um Estado de homens livres em igualdade de direitos e de deveres". *Socialismo liberal*. Buenos Aires, Ed. Americalee, 1944, p.132.

O combate para os mentores do antifascismo em São Paulo parecia-lhes uma "batalha sagrada", tal como a que ocorreu na Itália no século XIX, por ocasião da luta patriótica do Risorgimento. A diferença, em relação àquela primeira, era desprezível: "Entre a tirania que se abateu sobre a Itália, após a Restauração e a Santa Aliança, e a instaurada há pouco, pela usurpação fascista, existe apenas uma diferença: aquela foi exercida por estrangeiros, esta por italianos."²⁰

O combate antifascista se constituiu, aqui na colônia paulista, em responder a uma série de ameaças desferidas por instituições oficiais de representação do Estado fascista italiano, e a tentar dar vida a instituições apoiadas em apoios populares, tanto entre os imigrantes e seus descendentes como na população em geral.

Imperialismo fascista e a reação da colônia paulista

De modo geral, as lutas contra o fascismo que se instalou na Itália foram conduzidas em duas frentes: uma interna, pelos grupos políticos que se mantiveram no país, outra pelos antifascistas fora do país. Entre esses, os localizados na França, Estados Unidos e União Soviética tiveram maior importância para a determinação da política geral de oposição a Mussolini. Todavia, na América Latina, São Paulo, Montevideo e Buenos Aires também se constituíram em polos significativos, e não ficaram infensos a ousadas arremetidas do imperialismo fascista. Nos anos 1920, em São Paulo, a ação dos agentes fascinizadores se limitou, fundamentalmente, a conquistar posições de destaque nas instituições oficiais e paralelas "da colônia". Porém, na década seguinte, chegaram a manter contatos com o integralismo, visando a auxiliá-lo na tomada do poder.²¹ De qualquer forma, o desenvolvimento do antifascismo, aqui, interessa mais à compreensão dos movimentos políticos brasileiros do que a organização da contraofensiva internacional ao regime italiano. Não se pretende com isso omitir a estreita correlação entre as medidas antifascistas tomadas no exterior e as prontas respostas elaboradas na "colônia" paulista, mas

²⁰ Id., 16/3/1928. A analogia dos socialistas com Giuseppe Mazzini perpassa as páginas de *// Risorgimento*.

²¹ Sobre os entendimentos entre o governo fascista e a Ação Integralista Brasileira, consultar Angelo Trento, "Relações entre fascismo e integralismo: o ponto de vista do Ministério dos Negócios Estrangeiros Italiano." in Ciência e Cultura, 12, 1982, p.1601-1613.

enfatizar a existência de tensões e problemas, objetiva e especificamente decorrentes da situação local.

Durante a primeira fase de operação do antifascismo em São Paulo, isto é, no período em que tiveram ocasião os embates para proteger as instituições da "colônia" - grosso modo nos anos 1920 - da dominação fascista, Antonio Piccarolo esteve a testa do movimento. Na fase seguinte, isto é, quando a oposição ao fascismo já ocupava um espaço muito limitado dentro "da colônia" - nos anos 1930 - as lideranças alternavam-se – Francesco Frola, Mario Mariani, Nicola Cilla, Bixio Picciotti - não gozando do prestígio antes concedido ao "velho socialista-reformista".

Como manifestação sistemática, o antifascismo de São Paulo organizou-se pontualmente em abril de 1923, com a fundação de *La Difesa*. Piccarolo, declarando ter sido a primeira voz a se levantar contra o fascismo em São Paulo, através das colunas de *Il Piccolo*, viu-se obrigado a criar outra tribuna, pois aquele jornal tornara-se fascista. Por isso fundara *La Difesa*, a fim de dar ordem ao antifascismo num momento difícil:

Os poucos socialistas, dispersos, desorganizados, há tempos não davam sinal de vida. No entanto, chegavam todos os dias notícias da Itália que impressionavam. Os fascistas se organizavam, agitavam, espalhavam, assassinavam os socialistas, republicanos, legalistas, populares. E aqui nenhuma palavra de protesto ou comentário.²²

A iniciativa fora sua e dos companheiros antifascistas, e o financiamento viera das lojas maçônicas paulistas Andrea Costa e Guglielmo Oberdan, conforme sua própria informação. A primeira "composta quase exclusivamente de socialistas, e a outra... de republicanos".²³ Nesta ocasião, declarou-se que as antigas divisões políticas existentes entre os italianos de São Paulo deixavam de existir, passando-se "uma esponja no passado" e trabalhando conjuntamente. O jornal foi publicado quinzenalmente até 29 de junho de 1924, quando então foi suspenso, em vista dos acontecimentos da "Revolução Paulista", o segundo 5 de julho.

Retomado em 25 de dezembro de 1924, após o "delito Matteotti" - que marcou ainda mais visivelmente o regime fascista, e ao qual o jornal dedicou diversas páginas – a tarefa seguinte significou a montagem de uma instituição oficializadora da união

²² *Il fenomeno Frola: la storia de um buratino*, São Paulo, s/e, 1934, p.21.

²³ *Il fenomeno Frola*, p.22

das oposições ao regime italiano. Assim, em fins de 1925, nascia a *Unione Democratica*, da qual *La Difesa* era o órgão oficial.²⁴ Como encargos imediatos, a associação obrigava-se a dar representação política aos italianos que se consideravam prejudicados pela política oficial do seu país e por seus representantes consulares, além de oferecer proteção, através de um Comitê de Defesa Cotidiana, contra os ultrajes consignados pelo "fascio" local, que representava o Partido Nacional Fascista.²⁵ As querelas chegaram a tomar grande vulto, a ponto de a *Unione Democratica* ter movido um processo contra o fascista Emidio Rocchetti, no qual o advogado brasileiro Bertho Condé obteve ganho de causa, em nome da associação.

No início de 1926, uma assembleia geral da *Unione Democratica* decidira aderir à *Lega Italiana dei Diritti dell'Uomo*, fundada em Milão, em 1922, como seção local da *Ligue des Droits de l'Homme*, e com o advento do fascismo, transferida para Paris. Essa LIDU, que fora a primeira instituição suprapartidária dos antifascistas da Itália e tinha, entre seus objetivos, organizar um núcleo de propaganda em cada país de emigração; concentrava expoentes de vários agrupamentos, tais como social-democratas, socialistas, maçons, o grupo socialista de Carlo Rosselli (*Giustizia e Libertà*), liberais, anarquistas, etc. Para o congresso de Bruxelas da LIDU o representante escolhido pela *Unione Democratica* foi Alceste de Ambrys, numa evidente expressão de que os conflitos outrora existentes entre ele e Piccarolo estavam superados pela presença de um inimigo maior.²⁶

Rupturas entre os socialistas

No decorrer do ano de 1926, Piccarolo transferiria a direção de *La Difesa* a um intelectual antifascista, socialista, chamado ao Brasil exclusivamente para esse encargo, Francesco Frola.²⁷ A polícia brasileira, a pedido do embaixador italiano fascista, conseguiu impedir o seu desembarque no porto de Santos, mas, quando o navio atracou no Rio de Janeiro, Frola ludibriou a guarda e desembarcou. O

²⁴ *La Difesa*, 8/11/1925. Neste número foram publicados os estatutos da associação.

²⁵ Id., 10/1/1926 e 17/1/1926. O "fascio" tinha como líder em São Paulo Emidio Rochetti, e fora inaugurado em 10/2/1923.

²⁶ Id., 7/2/1926.

²⁷ Na verdade, Piccarolo poucas vezes ocuparia a diretoria formal do jornal, deixando a outros antifascistas a colocação do nome na primeira página. A razão alegada por ele para passar o jornal a Frola foi explicada em *Il fenomeno Frola*, como estando "velho e cansado", p.25.

impedimento dera lugar a uma série de protestos e a impetração de um pedido de habeas corpus pelo advogado Evaristo de Moraes.²⁸ No início de novembro de 1926, Frola assumiria, com o beneplácito de Piccarolo, a direção do jornal que, a partir daí, ganharia um número muito maior de páginas e uma profusão de anúncios.

A mudança de direção implicara também uma alteração na linha editorial, senão no sentido essencial do combate antifascista, pelo menos na forma. Frola, por ser grandiloquente e ao mesmo tempo senhor de um linguajar grosseiro e vulgar – como depois Piccarolo o entendeu - passou a desfchar dardos retóricos contra os *farabutti* e *truffatori* fascistas. Sua intenção de expandir o movimento "a todos os cantos do Brasil" provocou altas despesas financeiras e desagradou a uma parcela dos antifascistas. Em termos políticos internos ao antifascismo, Frola procurou assenhorear-se, também, da *Unione Democratica*, tornando-se seu presidente,²⁹ e alterando-lhe o nome e os quadros militantes para conseguir maior mobilidade. A instituição que então substituiu a *Unione*, denominada *Lega Antifascista*,³⁰ decidiu abrir mão do apoio da secção paulista da LIDU, na qual Piccarolo permanecia como secretário.

O "velho socialista", como ele então aprazia chamar-se, já arrependido de ter apoiado a inserção daquele inconsequente nas lides socialistas, preparava uma correção de rumos no movimento. Em abril de 1927, constituiu-se na França a importante *Concentração Antifascista*, como coalizão de diversas forças políticas italianas, principalmente as que representavam correntes tradicionais do socialismo.³¹ Frola solicitou filiação da sua *Lega Antifascista* ao comitê central da Concentração Antifascista, mas quem obteve a aprovação para a criação de uma secção paulista desta Concentração foram a LIDU e o Partido Republicano Italiano, ambos situados na esfera de atuação de Piccarolo. Assim, em novembro de 1927, foi constituída em São Paulo a Concentração Antifascista, e se intensificaram os pedidos de Piccarolo

²⁸ *La Difesa*, 21/10/1926, e *Fanfulla*, 19/10/1926.

²⁹ Id., 16/12/1926.

³⁰ Em 30/1/1927, *La Difesa* publicava os estatutos de *Lega Antifascista*. Neles, se percebe uma abertura para a participação de sócios não-italianos, o que não ocorria no caso da *Unione Democratica*. Isto é, a impetuosidade de Frola o diferenciava do recato e cuidado de Piccarolo em não se envolver em questões brasileiras propriamente ditas. Por outro lado, poderia significar já uma tentativa de ampliar o antifascismo em direção a movimentos nacionais.

³¹ Aderiram à Concentração Antifascista: *Confederazione Generale del Lavoro*, Partito Socialista dei Lavoratori Italiani, dirigido por Filipo Turati, Partito Socialista, Partito Republicano e LIDU (os comunistas não aderiram porque estavam aferrados ao conceito de "socialfascismo"). Seus objetivos eram: organizar os foragidos da Itália, estimular a resistência interna, ajudar a vítimas do fascismo.

para que Frola estabelecesse mudanças em *La Difesa*, e, sobretudo, aplacasse "aquela forma violenta de se expressar".³² O professor socialista, reconhecendo a necessidade de "realizar uma obra mais elevada, mais educadora", decidiu então publicar *Il Risorgimento*, uma resenha quinzenal não apenas do antifascismo, mas "de assuntos coloniais". A revista veio à luz em 1º de janeiro de 1928.

Durante o ano de 1928, o fortalecimento numérico da secção paulista da LIDU foi tão significativo que mereceu elogios de Paris, através do presidente internacional da organização, Luigi Campolonghi: "No Brasil, ocupou-se ativamente da Liga o velho militante socialista professor Antonio Piccarolo, que conseguiu constituir em São Paulo a secção mais numerosa entre todas que temos, com duzentos sócios e em contínuo desenvolvimento."³³ A par disso, deve-se considerar que a dissidência na cúpula das instituições antifascistas não significou, necessariamente, uma divisão entre as bases, pois em oportunidades como a promoção de um curso de "instrução popular", ministrado por Piccarolo, eram convocados gratuitamente militantes da LIDU, de Círculos Mazzinianos, do Partido Republicano Italiano e da Liga Antifascista.³⁴ Em setembro do mesmo ano, apoiado em seu prestígio, ele propôs, em uma reunião conjunta das entidades antifascistas, que a Liga Antifascista se deixasse absorver pela Concentração Antifascista, e entregasse *La Difesa* a uma Comissão mista de administração. Nessa ocasião teria afirmado que aceitaria participar do jornal apenas na condição de diretor.³⁵ O acordo não foi formalizado e, ao contrário, recrudesceram as mútuas provocações. Sobre Frola pesava a pecha de corrupção, pois, além de ter malbaratado financeiramente as reservas de *La Difesa*, recebera a soma de 10 contos de reis do Dr. Luigi Rinaldi Negreiros, fazendeiro e negociante de café, para defendê-lo, pelas páginas do jornal, numa campanha contra o Banco Francês e Italiano.³⁶

Tomando conhecimento da querela, o comitê central da Concentração Antifascista, em Paris, propôs as partes que entregassem a análise do problema a um grupo de jurados, escolhidos de forma imparcial.³⁷ Depois de longas démarches,

³² Uma certa historiografia sobre o movimento socialista de italianos em São Paulo, julgou interpretar as diatribes editoriais de Frola como manifestação de adesão à radicalização anticapitalista, como se fosse ele "mais socialista" do que os outros. Consultar "Um megalomaníaco enganador ou um criativo polemista", op. cit.

³³ *Il Risorgimento*, 1/9/1928.

³⁴ Id., 16/7/1928.

³⁵ *Il fenomeno Frola*, p.40.

³⁶ Id., p.52. No opúsculo *I tre furfanti*, Frola não desmente esta acusação.

³⁷ Id., p.63.

constituiu-se um tribunal em São Paulo que a 1º de fevereiro de 1930 condenou Frola, embora ele estivesse em Buenos Aires.³⁸ Na sua volta, nem a Liga Antifascista, nem *La Difesa*, reconheceram o antigo líder. Piccarolo, Mario Mariani e Nicola Cilla, os três "furfanti", tornaram-se responsáveis pelo jornal. No entanto, a participação do "velho socialista", a partir daí, se limitaria ao apoio institucional e a algumas colaborações mais ou menos esparsas. Em 1934, ele mesmo viria a declarar que ao tomar conhecimento da Decisão dos "juízes" resolvera deixar com tranquilidade as lides do movimento antifascista.³⁹

A dominação dos meios de comunicação

Apesar dos esforços desenvolvidos nos oito anos em que esteve liderando o antifascismo em São Paulo, o líder socialista Antonio Piccarolo efetivamente conviveu com a tomada do poder, senão a totalidade, pelo menos da parte essencial dos órgãos oficiais de representação do Estado fascista. Foi uma verdadeira avalanche fascista o que se desfechou sobre a "colônia". No entanto, a crescente fascistização das entidades italianas de São Paulo e até mesmo de boa parte da população italiana e seus descendentes aqui localizados, não ocorreu sem que o "velho socialista" e aliados antifascistas interpussem toda sorte de embaraços de que podiam valer-se.

As primeiras batalhas travadas por *La Difesa* ocorreram no âmbito da própria imprensa italiana em São Paulo, onde a fascistização parecia andar celeremente: em 1926, este jornal afirmava que os principais veículos de comunicação da "colônia" haviam caído, desde *Il Piccolo*, "órgão oficial do fascismo", passando pela *Tribuna Italiana* e o *Fanfulla*, até o *Pasquino Coloniale*. Em contraposição, no mesmo ano *La Difesa* anunciava mudanças, a partir do momento em que fosse instalada a reunião da AISIA (Allianza Internazionale della Stampa Italiana Antifascista), junto a qual o jornal era representante do Brasil.⁴⁰ Mas as mudanças não ocorreram.

Em 1928, Piccarolo denunciaria a "conquista" da imprensa, sem meias palavras:

³⁸ Id., p.106. Frola confirmou a decisão, mas acusou os dois "juízes" de terem sido complacentes, amigos de Piccarolo; tratava-se do dr. Finocchiaro e de Gudulo Bornacina (*I tre furfanti*, p.14).

³⁹ Id, p.135. *Il fenomeno Frola* foi escrito por Piccarolo para refutar as acusações que Frola continuou a dirigir-lhe.

⁴⁰ *La Difesa*, 7/3/1926.

A imprensa tem de estar a serviço do governo fascista. Na Itália obteve-se isto com violência... aqui procura-se chegar ao mesmo resultado com corrupção e intrigas. Compram-se jornais e se obriga a colónia [...] a desembolsar milhões para dar um jornal a um rapazinho inculto, que se vangloria da própria ignorância. Mantêm-se jornalecos clandestinos, escritos por membros de um esquadrão e espiões que representam uma verdadeira ameaça ... pagam-se os mais baixos malandros da imprensa local para incensar o regime fascista e denegrir os seus adversários, mesmo quando se trata de pessoas respeitabilíssimas que honram a Pátria italiana.⁴¹

Um dos expedientes adotados pelos fascistas para privilegiar os jornais simpatizantes fora a oferta gratuita do serviço telegráfico italiano, permitindo desta forma uma riqueza de noticiário superior aos seus apaniguados e à dos outros jornais. Mas os fascistas não se limitaram apenas aos jornais italianos de São Paulo, tendo financiado profissionais avulsos da imprensa local.

O método de fascistização da imprensa fora experimentado na Inglaterra, França, Bélgica e nos EUA, sem sucesso, segundo Piccarolo, que alertava para a sua adoção no Brasil: os fascistas "compraram os jornais já existentes, fundaram novos, mandaram conferencistas, propagandistas, enfim, pagaram a um verdadeiro bando de assaltantes, com vistas a colocar em prática os sistemas usados na Itália... chegou a vez da América do Sul, especialmente do Brasil."⁴²

Paralelamente à dominação da imprensa, os fascistas procuraram tomar posse de outras instituições "coloniais", mas nesse caso o sucesso sobreveio mais lentamente. O próprio movimento antifascista foi uma resposta aquelas tentativas:

No final de 1922... chegaram os primeiros enviados do fascismo, com Rochetti e companheiros. Constituíram o primeiro 'fascio' e se atiraram a todas as associações: procuraram conquistar a Dante Alighieri, o Circolo Italiano, a Sociedade dos Sobreviventes. Provocaram discórdias em todos os lugares, pretendendo os recém-chegados fazerem-se de patrões daqueles que trabalhavam aqui há 40 anos... Como justa reação, natural e inevitável, surgiu o antifascismo, que não viveria se não houvesse a pretensão de fascistizar, impedir de falar, e escravizar a colônia, como se fosse uma província de nossa infelizíssima península.⁴³

Em algumas ocasiões o nível de pressão sobre os antifascistas chegou ao ponto de tentarem repetir, aqui, casos de perseguição e vinganças semelhantes aos ocorridos na Itália. Em meados de 1924, Piccarolo acusou os fascistas de terem

⁴¹ *Il Risorgimento*, 20/9/1928.

⁴² Id., 16/4/1928.

⁴³ Id., 16/1/1928.

enviado a Roma uma lista com nomes de "inimigos de Mussolini" para a realização de futuras punições.⁴⁴

Em fins de 1928 a fascistização das instituições italianas era uma realidade, cabendo boa parte do sucesso da empreitada ao cônsul geral da Itália em São Paulo, Serafino Mazzolini, e ao embaixador Bernardo Attolico, individuo "sutil e perspicaz, e, por isso, mais perigoso". O líder antifascista ofereceu um balanço da situação:

As associações vivem sob a espada de Dâmocles, transformada hoje em espada do 'fascio'. Depois da famosa reunião no Consulado, na qual negaram-se a renunciar a sua autonomia, a sua vida interna foi minada pelas trapaças do próprio Consulado ou do 'fascio', que não cessaram de usar meios para reduzi-las a suas vontades, semeando a discórdia e a divisão em todo lugar. A Dante transformou-se numa humilhadíssima mancebia do Consulado; o Circolo Italiano está entre as instituições suspensas e não se sabe bem claramente qual será a sua sorte; a 'Reduci' [...] está morrendo [...] Algumas (instituições) se submeteram, renunciando a própria independência, outras foram colocadas em evidencia e sobre elas recai a mira das intrigas consulares e fascistas. Os bancos, mais ou menos italianos, poderiam tirar do seu título este adjetivo que perdeu seu significado, substituindo-o por outro: fascista. Porque... os negócios não são mais tratados por critérios comerciais e muito menos italianos, mas com critérios fascistas".⁴⁵

Atuando, também, mais a longo prazo, os fascistas tentaram reorganizar as "escolinhas" italianas, que caracterizaram fases anteriores da vida da "colônia", e contra as quais os antifascistas agora se opunham, inclusive porque viam nelas uma ameaça ao bom relacionamento com o Brasil: a intenção era fazer propaganda do tipo "a língua italiana é a mais bonita do mundo, o povo italiano, o mais inteligente do mundo, Mussolini, o maior gênio que já existiu desde que o mundo é mundo ... [o resultado seria] uma justificada reação do elemento nacional, que viria como um atentado a própria integridade e a soberania intelectual".⁴⁶

Essa preocupação com a repercussão das atividades fascistas sobre o governo e autoridades brasileiras poderia indicar a busca de apoio fora do âmbito italiano propriamente dito. Porém, por outro lado, revelava sensibilidade para um fenômeno que começava a expressar-se com clareza: o extravasamento do fascismo para além da "colônia". De tal modo que as duas ações, a fascista e a antifascista, se equivaliam e começavam a forçar uma tomada de posição das instituições nacionais.

⁴⁴ *La Difesa*, 1/4/1924. O próprio Piccarolo foi alvo de uma perseguição do embaixador fascista Montagna, que tentou, em vão, processá-lo nos tribunais brasileiros por ofensa ao rei da Itália.

⁴⁵ *Il Risorgimento*, 20/9/1928.

⁴⁶ Id., 16/4/1928.

Em 1924, num comunicado conjunto dos partidos comunistas do Brasil e da Itália, a questão era então levantada, como incentivo à sindicalização dos trabalhadores no Brasil:

Uma primeira tentativa dos homens do porrete, italianos, de estabelecer o 'fascio' no Brasil, já faliu... Mas os inimigos da classe operária são perseverantes nos seus fins. Já novos acordos se fizeram entre os camisas pretas italianos e a liga patriótica brasileira - o fascismo indígena - para conduzir com melhor êxito a luta contra os trabalhadores.⁴⁷

No ano seguinte, *La Difesa*, dirigindo-se também a operários, alertava-os contra a "campanha falsa" que os fascistas de São Paulo estavam encetando, quando se dirigiam às fabricas e pressionavam os operários a filiarem-se ao *fascio* local: "Recordai-vos de que o fascismo na Itália é o pior e o mais ardente inimigo das classes trabalhadoras", lembrava o jornal.⁴⁸ Nessa mesma ocasião, *La Difesa* tomava o partido do Dr. Bertho Condé na polêmica travada por este advogado paulista contra o delegado geral do fascismo no Brasil, Emidio Rochetti.⁴⁹ Condé protestava contra a agressão à soberania nacional perpetrada pelo *fascio*, cuja intenção era arregimentar trezentos mil fascistas no Brasil, e expressava suas reservas contra uma política intranquilizadora para a "colônia":

É prejudicial aos interesses do Brasil a ação do fascismo, antes de tudo, porque anteriormente a ela nós tínhamos uma colônia italiana entregue completamente aos seus misteres profissionais, unida no amor a sua pátria, desinteressada completamente das mutações políticas que lá se verificavam, e agora temos uma profunda dissensão política... que os distrai e diminui sua capacidade produtiva.⁵⁰

De fato, a adesão ao fascismo colocava em conflito os cidadãos italianos aqui residentes, pois, conforme as palavras de um convicto fascista de São Paulo, deveriam pertencer ao *fascio* os indivíduos "que estejam prontos, sob o vínculo do juramento, a seguir as ordens do Duce e a seguir com todas as suas forças e, se necessário, com o sangue, a causa da Revolução Fascista".⁵¹ Diante de tal afronta à autoridade do Estado brasileiro, as consequências de formação de grupos assim

⁴⁷ *O País*, 22/6/1924, apud Edgar Carone, *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo, Difel, 1979, p.486.

⁴⁸ *La Difesa*, 15/11/1925. Na edição de 29/1/1928 o jornal dirigia seus protestos contra um gerente da fábrica Maria Ângela que "maltratara as operárias e... resolvera implantar ali o regime fascista, espezinhando as leis brasileiras e os sagrados direitos do operariado."

⁴⁹ Id., 27/12/1925.

⁵⁰ *Folha da Manhã*, São Paulo, 20/12/1925.

⁵¹ Salvatore Pisani, *Lo Stato di San Paolo nel Cinquantenario dell'Immigrazione*. São Paulo, s/e, 1937, p.1.246)

constituídos em território nacional colocaria em risco não apenas a “colônia”, mas toda a população do país.

Dentro da mesma perspectiva, em 1928, num momento em que a fascistização da "colônia" tomara ainda maior vulto, o jornal *O Combate* estabelecia uma severa crítica aos fascistas, deixando evidente o tênuo limite entre os interesses italianos e os relativos a nacionalidade brasileira:

Recrutados nas hordas negras do Fascio, que suprimiram na Itália a liberdade de pensar, os cônsules fascistas esquecem as regras do Direito Internacional e a dignidade dos seus cargos para se tornarem simples elementos de agitação e desordem nos países onde exercem suas funções. Em vez de unirem seus compatriotas em terras estrangeiras, implantam entre eles o dissídio, desenvolvem odiosidades e perseguem-nos com as suas maltas de camisas pretas... Seguindo esta lastimável conduta, o sr. Mazzolini... numa circular as casas comerciais italianas, arrogou-se o contestável direito de concitá-las a organizarem a boicotagem de *O Combate*, pelo fato de não termos pela cartilha do bando sinistro que está arrasando a civilização contemporânea na Itália. Quer ele, assim, confiscar-nos a liberdade de termos opiniões em nossa terra.⁵²

Em 25 de setembro de 1928, estudantes de São Paulo empastelaram *Il Piccolo*, depois de uma polêmica em que, conforme o jornal, até mesmo a "dignidade da mulher brasileira" esteve em pauta. Isto é, um vice-cônsul atuando em São Paulo declarara, através das páginas daquele jornal, que, aqui, as mulheres estavam prestes a entregar-se, eram fáceis. O acirramento dos ânimos contra a imprensa fascista italiana provocou, inclusive, o pronunciamento do sóbrio *O Estado de São Paulo*, que não estabeleceu clara separação entre os diferentes veículos da "colônia" italiana, condenando-os todos:

Esses jornais invertem constantemente os papéis. Eles não fazem cerimônia alguma em discutir nossas questões nacionais. Partem, porém, sempre do princípio de que não devemos atacar o que lhes parece bom, quando é feito por seus compatriotas... De fato, nosso empenho máximo é absorver os imigrantes, incorporando-os a nossa nação. Esses jornais estrangeiros se fundam, porém, precisamente para o contrário: para dificultar a sua incorporação, para mantê-los ligados a pátria de origem e separá-los de nós.⁵³

Raciocínios como estes levavam os líderes socialistas reformistas da colônia italiana a insistir na diferenciação entre italianos fascistas e antifascistas em geral, e

⁵² *O Combate*, 9/10/1928.

⁵³ *O Estado de S. Paulo*, 4/10/1928, artigo assinado por Medeiros e Albuquerque. Na edição de 8 de outubro de 1928, do jornal *O Combate*, o redator B. Pontes, afirmou que participara do empastelamento de *Il Piccolo* e da quase consecução de ato idêntico com relação ao *Fanfulla*. Tudo isto com certa ponta de orgulho.

a desfederalizar uma verdadeira campanha em língua portuguesa. Com veemência afirmavam:

"poucos brasileiros conhecem o fascismo na sua verdadeira essência, tendo muitos uma opinião errada a este respeito, a ponto de que mais de uma vez aconteceu-nos ouvir distintos cidadãos desta terra livre afirmarem que o Brasil também precisaria de um Mussolini!... julgamo-nos no dever de pôr os brasileiros todos de sobreaviso acerca do perigo que os ameaça, com a difusão dos erros e dos horrores do fascismo. O que nós pedimos é não acreditar, como os fascistas vão afirmando, que Itália e fascismo são a mesma coisa, e que o povo italiano tem aderido ao fascismo. Não. Milhões de italianos, os melhores, os mais cultos, os mais honestos, estão longe da terra natal... lutando para tornar a própria Pátria livre, outros estão fremendo sob a escravidão que lhes é imposta por uma minoria armada... Ouvimos muitos... dizerem: mas na Itália de hoje reina a ordem, trabalha-se e os trens correm. É verdade. Mas a ordem reina também na Penitenciária do Carandiru... A estes indivíduos de tão fácil contentamento, pedimos não julgar pela leitura... [de] notícias enviadas por um governo que têm suprimido toda a imprensa de oposição e que está aplicando a mais rigorosa das censuras."⁵⁴

Explicando que os "italianos democráticos" apenas pretendiam participar da formação cultural do Brasil, diferentemente dos fascistas, que visavam a incentivar o imperialismo peninsular contra a América Latina, os antifascistas construíram as seguintes pressuposições pertinentes, porém extremamente graves até para a autonomia do Estado nacional, deixando que se imaginasse uma invasão italiana ao país:

O fascismo procura através de uma exaltação artificiosa do espírito de nacionalidade... lançar a Itália numa aventura bélica... É o Império que quer erigir. Quando? Como? Onde? Já está fixada até mesmo a data: 1935. Nessa época a Itália se encontraria em condições de desafiar o mundo."

E para onde poderia dirigir-se este imperialismo, se "na bacia do Mediterrâneo é impossível", se a "Ásia Menor está muito povoadas?" perguntavam-se. E respondiam: "as esperanças do imperialismo itálico se voltam para a América Latina."⁵⁵

Na década de 1930, as organizações fascistas de São Paulo – os *fasci*, as *sezioni fasciste maschile e femminile* e as *organizzazioni giovannile* - contavam em milhares o número de participantes, se se desse crédito as informações oferecidas pelos próprios fascistas. Por outro lado, um historiador italiano bastante conhecedor da história da colônia italiana, observou que "apesar dos esforços de várias procedências, para arrebatar as simpatias da comunidade italiana para o regime [fascista], a adesão da nossa emigração permaneceu substancialmente tédida, abarcando apenas parte da burguesia e das camadas medias."⁵⁶

⁵⁴ *Il Risorgimento*, 1/2/1928.

⁵⁵ Id., 16/5/1928.

⁵⁶ Angelo Trento em *La dov'e la recolta del caffè*, p. 437.

No que respeita a atuação político-partidária, é difícil concordar com o entusiasmo das informações fascistas, porém há diversos relatos, esparsos, do sucesso genérico da propaganda fascista: uma professora primária, que ensinou em São Paulo na década de 1930, recordava-se de que "sabia através dos alunos que os italianos que vinham para cá ficavam ligados ao Consulado Italiano e aos domingos tinham que ir ao consulado para cantarem e endeusarem o *fascio*".⁵⁷ Outro relato de lembranças, apesar de referir-se apenas à participação da elite burguesa, não excluía uma generalizada simpatia pelo fascismo: "Antes da guerra, o fascismo era benquisto aqui, todos os ricos daquele tempo eram proprietários, fabricantes, gente que estava muito bem e a terra deles era a Itália e eles apreciavam que Mussolini estivesse fazendo alguma coisa boa pelos italianos. Essa simpatia foi só até antes da guerra, depois não."⁵⁸

Não há dúvida de que a pressão das autoridades fascistas e de membros da elite – o grande empresário da época, Francesco Matarazzo foi representante fascista na “colônia” - promoveu a proliferação, entre os italianos de São Paulo, de dois comportamentos concomitantemente possíveis: um oficialmente favorável, servindo de proteção contra arbitrariedades das autoridades italianas, outro interior, pessoal. A questão foi colocada de forma irreverente por *La Difesa*, que transcreveu uma pilheria corrente naqueles tempos:

"Dois amigos se encontram numa rua da cidade de São Paulo. São dois antigos e provados antifascistas, mas um deles traz o distintivo fascista na lapela, PNF. Surpresa do outro:

- Oh! então! te converteste?; - Nem em sonho! Sou o mesmo de antes; - Mas... e então?; - Então o que?; - Este distintivo?; - Oh! rapaz! Leia bem o que está escrito: PNF; - Sim: Partido Nacional Fascista; - Não, não, nada disso: Por Necessidade Familiar."⁵⁹

Piccarolo mesmo reconheceu o "sucesso" do fascismo entre os italianos de São Paulo e de outros Estados do sul do país. Em 1945, num artigo em que dava conta do avanço fascista ocorrido, observou que a prática dos *camicie nere* induziu "a engano, italianos e brasileiros e, somente mais tarde, quando todo o reparo se tornara inútil e impossível, foram descobertas" as fraudes e trapaças responsáveis por ele.⁶⁰

A raízes plantadas pelo antifascismo socialista.

⁵⁷ Eclea Bosi, *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979, p.266.

⁵⁸ Id., relato do sr. Amadeu, p.94.

⁵⁹ *La Difesa*, 3/7/1927.

⁶⁰ *Correio Paulistano*, 24/10/1945.

A partir de meados da década de 1930, o líder antifascista e a própria luta no interior da “colônia” arrefeceram, dando lugar à nacionalização das atividades antifascistas. O velho professor chegava a septuagésima parte de sua vida ao mesmo tempo em que a batalha pela defesa da *italianità* perdera parte de seu sentido, pois além das questões políticas a assimilação produzia frutos e as camadas mais atadas ao espírito pátrio italiano eram carreadas para o aprisco fascista.

Nas fileiras socialistas, reorganizadas pelo combate antifascista, as mudanças não eram menores. O antigo socialismo reformista dos italianos de São Paulo, que pautava suas reivindicações na exigência de diálogo com as autoridades estatais, teria de refazer-se diante da nova conformação do Estado brasileiro, resultado do movimento de outubro de 1930 e do getulismo. Por outro lado, também outras formas socialistas se apresentavam sob a influência do tenentismo, de tendência socializante. O Partido Socialista Brasileiro, criado em 1932, não estava alheio as ideias nacionalistas do período que, aliás, ficavam explicitamente inseridas no manifesto de sua fundação:

Obedecendo, embora, a tendências socialistas, todos os nossos problemas aí foram estudados e resolvidos segundo uma inspiração brasileira, dentro de uma realidade brasileira, observadas as necessidades brasileiras, as tradições brasileiras, as qualidades e defeitos do povo brasileiro.⁶¹

O próprio antifascismo tomava impulso maior entre instituições políticas brasileiras, já que em 1931 a Liga Comunista Internacional, criada em São Paulo sob inspiração do Grupo Comunista Lênin - dissidente do Partido Comunista do Brasil - propusera a formação de uma Frente Única Antifascista, tornando-se Mario Pedrosa e Livio Xavier "os principais aglutinadores da luta antifascista" em São Paulo, juntamente com membros atuantes da família Abramo.⁶² Pouco depois a própria ANL, Aliança Nacional Libertadora, incorporaria conteúdos componentes daquela experiência traumática de luta contra o fascismo. As raízes socialistas democráticas estavam plantadas.

X X X

⁶¹ *Jornal do Commercio*, 24/11/1932, apud E. Moraes F., op. cit., p.262.

⁶² Cf. depoimento de Fúlvio Abramo ao Folhetim da *Folha de S. Paulo*, 7/10/1984.

A história da resistência vivida pelos antifascistas italianos de São Paulo e as conexões que o regime totalitário europeu tentou estabelecer com a população brasileira podem sugerir momentos significativos de reflexão para todos os que, hoje em dia, enfrentamos ameaças neofascistas que invadem a nossa contemporaneidade. Alertas não faltam. A luta daqueles pioneiros resultou infrutífera a curto prazo, isto se forem considerados apenas os insucessos estritos daquele período. Mas, certamente foi muito significativa a experiência para a construção de projetos socialistas até hoje duradouros. Com o término da 2ª Grande Guerra, apoiados em grande parte nos princípios difundidos por Antônio Piccarolo e tantos outros socialistas italianos seus contemporâneos, uma plêiade de intelectuais militantes, em São Paulo e no Rio de Janeiro, deu origem ao Partido Socialista Brasileiro que, carregando aquelas bandeiras, de alguma forma, esteve presente tantas décadas posteriores no cenário político nacional e tem aberto caminho para uma crítica pluralista ao capitalismo brasileiro.⁶³

Bibliografia

- BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, 1979.
- CANDIDO, Antonio. *Teresina etc.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CARONE, Edgar. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo, Difel, 1979.
- CHAUI, Marilena. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FELICE, Renzo de. *Explicar o Fascismo*. Lisboa: Edições70, 1978.
- FROLA, Francesco. *I tre furfanti*. São Paulo: s/e. s/d. (opúsculo, 1932?)
- G.D.H. Cole. "Storia del pensiero socialista, 1914-1931. Vol. IV. 1. Roma: Laterza, 1976.
- HECKER, F. Alexandre. *Socialismo sociável: história da Esquerda Democrática em S.Paulo (1945-1965)*. S.Paulo: EdUNESP, 1998.

⁶³ Sobre a trajetória do socialismo democrático, consultar: HECKER, F. Alexandre. *Socialismo sociável: história da Esquerda Democrática em São Paulo (1945-1965)*. São Paulo: EdUNESP, 1998; e *História do socialismo democrático brasileiro: o Rio de Janeiro como centro produtor e difusor*. São Paulo: AnnaBlume, 2024.

- HECKER, F. Alexandre. *História do socialismo democrático brasileiro: o Rio de Janeiro como centro produtor e difusor*. São Paulo: Annablume, 2024.
- HECKER, F.A. "Um megalomaníaco enganador ou um criativo polemista: litígios socialistas nas origens da moderna política em São Paulo", in: MARTINS, I. e HECKER, F.A. *E/Imigrações: questões, inquietações*. S. Paulo: Expressão e Arte Editora. 2013
- MARTINS, Ismênia e HECKER, F. Alexandre. (orgs.) *E/Imigrações: histórias, culturas e trajetórias*. São Paulo: Expressão & Arte, 2010; e *E/Imigrações: questões, inquietações*. São Paulo: Expressão & Arte, 2013.
- PICCAROLO, Antonio. *História das doutrinas políticas*. São Paulo. Depto. de Cultura, 1942, nº LXXXI.
- PICCAROLO, Antonio. *Il fenomeno Frola: la storia de um buratino*. São Paulo, s/e, 1934.
- PICCAROLO, Antonio. *Iniciação à economia social*. São Paulo: Livraria Editora Record.
- PISANI, Salvatore. *Lo Stato di San Paolo nel Cinquantenario dell'Immigrazione*. São Paulo, s/e, 1937.
- ROSSELLI, Carlo. *Socialismo liberal*. Buenos Aires, Ed. Americalee, 1944.
- TRENTO, Angelo. "Relações entre fascismo e integralismo: o ponto de vista do Ministério dos Negócios Estrangeiros Italiano. " in *Ciência e Cultura*, 12, 1982
- TRENTO, Angelo. *La dov'e la racolta del caffè. L'emigrazione italiane in Brasile. 1875-1940*. Padova: Editrice Antenore, 1984.
- Periódicos consultados:
- Correio Paulistano* (década 1920); *Fanfulla* (década de 1920); *Folha da Manhã*. São Paulo (décadas de 1920 e 1930); *Il Risorgimento*. São Paulo (1928); *La Rivista Coloniale*. São Paulo. (1910-1924); *O Combate*. (1928); *O Estado de S. Paulo*. (década de 1928)